

Guerra em 2025

Martin van Creveld

O Professor Martin van Creveld é PHD na London School of Economics and Political Science, historiador militar e Professor do Departamento de História da Universidade Hebraica, em Jerusalém.

Citando aquele grande especialista em defesa, além de poeta secreto, Donald Rumsfeld, “Como sabemos, há coisas que são conhecidas; há coisas que nós sabemos que conhecemos. Também sabemos que há coisas que são desconhecidas. Isso quer dizer que sabemos que há coisas que desconhecemos. Mas há ainda coisas que não sabemos que desconhecemos, aquelas que desconhecemos desconhecer.”¹ É claro que ninguém pode afirmar honestamente como será o mundo em 2025; além disso, o que acontecer até lá não acontecerá da mesma forma e nem no mesmo ritmo, nas diferentes partes do mundo. Tendo em mente essas limitações, estou pronto para acrescentar uma quinta categoria às quatro de Rumsfeld e dizer algo sobre as coisas que eu *creio* conhecer.

I

Primeiramente, devido a fatores estratégicos, econômicos e tecnológicos, o número de países possuidores de armas nucleares continuará a aumentar. Tal fato é determinado por dois fatores: capacidade e vontade. A partir de 2005, até a Coreia do Norte, um país isolado e cujos cidadãos estão literalmente, segundo consta, passando fome, foi capaz de se juntar ao clube nuclear. Parece então que capacidade deixou de ser uma limitação à proliferação. No momento em que escrevo este texto, existem nove potências nucleares. Se o único fator fosse capacidade, esse número poderia facilmente subir para cinquenta ou sessenta. Atualmente, apenas em regiões da África, da Ásia Central e da América Latina é que ainda existem países cuja infra-estrutura econômica, industrial, técnica ou científica está atrasada demais para que eles possam construir armas nucleares dentro de um prazo razoável – digamos, de dez anos – se assim o desejarem.

Mas isso não significa que em vinte anos teremos cinquenta ou sessenta países com armas nucleares e seus respectivos veículos de lançamento. Muitos países Europeus e vários da América Latina têm capacidade para construir armas nucleares, mas provavelmente só o farão caso venham a se sentir ameaçados pela Rússia ou pelos Estados Unidos, respectivamente. Quando e se isso ocorrer, a região com maior probabilidade de proliferação nuclear é a Ásia. Desde a Turquia, passando pelo Irã e a Indonésia, a Malásia, a Coreia do Sul, Taiwan e Japão, a Ásia possui vários países com todos os requisitos para construir armas

nucleares caso queiram. Alguns têm ainda a vontade; em especial, o Irã (que poderá ser seguido da Turquia, depois da Arábia Saudita, da Síria e do Egito). Na Ásia Oriental e na Ásia Austral o fator mais provável de desencadear uma corrida nuclear seria a saída dos americanos daquelas regiões. Nesse caso, como a China e a Coreia do Norte já se juntaram ao clube nuclear, os mais prováveis seguidores seriam Coreia do Sul, Taiwan, Japão, Indonésia e Malásia.²

Portanto, devemos pressupor que teremos um mundo com quinze, vinte, talvez vinte e cinco, potências nucleares, dos quais seis a oito estarão localizadas no Sul, Sudeste e Leste da Ásia. Já o tamanho do arsenal desses países irá variar muito devido à grande diversidade de suas economias, capacidades técnicas e objetivos estratégicos. Alguns terão muitas ogivas – embora não seja provável que venham a ter tantas quanto as superpotências durante a Guerra Fria – outros terão apenas algumas. Alguns construirão armas nucleares táticas, outros não. Algumas dessas potências deverão comprar aeronaves de combate da próxima geração caso venham a ser vendidas. Um ou dois desses países poderão adquirir Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM), como acusam o Irã de estar planejando fazer. Entretanto, a grande maioria dos países, sem dúvida, se contentará com mísseis de alcance curto, médio e intermediário e com mísseis de cruzeiro. Todos serão capazes de infligir danos “inaceitáveis” a seus vizinhos, ou seja, terão capacidade para transformá-los em desertos radioativos. E como será esse mundo do ponto de vista militar? Essa é a questão que iremos analisar a seguir.

II

Seguramente podemos supor que nas próximas duas décadas não será encontrado um sistema eficaz e cem por cento confiável de interceptação de mísseis balísticos com ogivas nucleares (se é que isso será possível algum dia). Principalmente se esses mísseis forem do tipo com Múltiplos Veículos de Reentrada Independente (MIRV), como certamente serão alguns deles. E principalmente se esses dispuserem de módulos especiais de auxílio para penetração.

As tentativas para construir uma defesa contra mísseis nucleares datam de cinquenta anos. Usando os Estados Unidos como exemplo, por serem os possuidores da tecnologia mais avançada, no final da década de 50 havia um míssil chamado Nike Zeus que nunca foi disparado. O Nike foi seguido pelo Sprint, que por sua vez foi seguido pelo Spartan, e este pelo Sentinel. Nenhum desses mísseis era capaz de interceptar a entrada de um míssil balístico com um tiro certo. Por isso eles se valiam de ogivas nucleares para destruir seus alvos; uma proposta arrepiante que, felizmente para todo o mundo, nunca foi testada e muito menos transformada em realidade operacional. O Sprint, o Spartan e o Sentinel se tornaram obsoletos quando os Soviéticos introduziram o MIRV, e por isso foi criada a Iniciativa de Defesa Estratégica, que foi seguida

da Defesa Nacional de Mísseis. Mas os mísseis anti-balísticos eram apenas uma parte da história. Lasers baseados no espaço (que extrairiam a energia necessária para seu acionamento da explosão de bombas de hidrogênio), lasers baseados em terra e outros sistemas ainda menos críveis foram propostos e rejeitados. Se levarmos em consideração todos os sistemas, as quantias gastas com a defesa de mísseis balísticos ultrapassariam facilmente os 100 bilhões de dólares. E todos foram parar no lixo.

Assim como os Estados Unidos, a União Soviética também trabalhou nos anos 60 em um sistema de míssil anti-balístico conhecido na OTAN como Galosh. Semelhante ao Nike Zeus, ele também contava com uma ogiva nuclear de alta potência e, do mesmo modo, nunca foi testado, felizmente, contra um ICBM de verdade (embora uma bateria de Galoshes tenha sido posicionada em torno de Moscou). Outros países estão mais propensos a se interessarem por mísseis menores. Nesse caso, há algumas experiências que podem ser projetadas no futuro. Durante a Primeira Guerra do Golfo as atenções se voltaram para os mísseis americanos Patriot que, no entanto, se provaram um fracasso total. Acabada a guerra, descobriu-se que nem um único Scud havia sido derrubado. Apesar de ter sido aprimorado mais tarde, constatou-se que a nova versão do Patriot era quase tão perigosa para aeronaves amigas quanto para as inimigas.

³ De qualquer forma, ele nunca foi testado contra nada mais perigoso que os mísseis de curto alcance Al Samoud de Saddam Hussein. Mesmo assim, os resultados parecem ser confusos. Alguns Samouds, disparados no Kuwait durante a Segunda Guerra do Golfo, podem ter sido abatidos e outros não. É claro que um sistema que não possa ter um desempenho melhor que este não é suficientemente bom.

O míssil israelense Arrow, que foi construído para interceptar os Scuds e que não consegue abater o iraniano Shihab III, é uma grande conquista tecnológica, mas em termos militares está condenado ao insucesso. Assim como o Patriot, o Arrow está “operacional” e uma bateria foi posicionada para proteger a região central de Israel. No entanto, ele apresenta um longo histórico de testes fracassados. É claro que cada vez que isso acontece podem-se tirar lições e introduzir melhorias, mas ninguém pode garantir qual será seu desempenho na próxima vez que for disparado; portanto, ele é praticamente inútil. Um sistema de defesa nuclear que pretende ser útil – de modo a permitir que um país use a guerra como um instrumento político contra uma potência nuclear sem correr o risco de suicídio nacional – tem que ser não apenas cem por cento confiável, mas dez mil por cento. Meu palpite é que nenhum sistema que chegue perto de atender a esse requisito surgirá nos próximos vinte anos.

O que se aplica aos Estados Unidos e seu protegido, Israel, se aplica ainda mais ao resto do mundo. Há cerca de uma década alguns membros da União Européia vêm falando em desenvolver uma defesa antimíssil, mas até agora nem mesmo um protótipo foi produzido. E uma das razões para isso é que os europeus não conseguem chegar a um acordo sobre quem é o inimigo;

será que a ameaça virá do Leste, como acontecia na época da Guerra Fria, ou será que devem voltar sua atenção para o sul? Devido à desunião política e às limitações financeiras, a probabilidade é que nenhum sistema europeu venha a ser produzido em um futuro próximo. A maioria dos outros países não possui nem a infra-estrutura tecnológica nem os meios financeiros para tal. Rússia, China, Índia, Paquistão e Irã dificilmente terão êxito onde os Estados Unidos falharam. Daqui a vinte anos, esses países assim como outros deverão estar tão indefesos contra um bombardeio nuclear quanto agora. E como, nesse meio tempo, os veículos de lançamento deverão se multiplicar, eles estarão ainda mais indefesos.

O fracasso em construir uma defesa confiável contra mísseis nucleares tem implicações bem mais abrangentes. No início da década de 60, os planejadores de defesa americanos elaboraram uma doutrina que ficou conhecida como MAD ou Garantia de Destruição Mútua. Apesar de essa doutrina ter sido descartada mais tarde, e apesar de os Estados Unidos terem, desde então, desenvolvido várias outras doutrinas fantasiosas, na prática a MAD continuou a prevalecer até os nossos dias. Vários outros países também elaboraram suas próprias doutrinas nucleares, algumas mais conhecidas e outras menos, algumas exigiam tipos especiais de armas e de veículos de lançamento, e assim por diante. As doutrinas podem ter levado ao desenvolvimento tecnológico ou vice-versa. No fim, nada disso teve importância.

Como doutrina, a MAD poderia ser ignorada, descartada, substituída, ou mesmo ridicularizada. Porém, em termos práticos, ela se manteve em vigor não apenas nos Estados Unidos, mas em todas as regiões onde as armas nucleares se proliferaram. Ela é responsável por manter a paz durante cerca de cinquenta anos entre todas as potências nucleares sem exceção. Isso se torna mais evidente se compararmos o que as grandes potências fizeram, ou deixaram de fazer, umas às outras desde 1945 com o que fizeram nos três séculos anteriores. E a probabilidade é de que não haja mudanças nos próximos vinte anos.

III

Então vamos supor que a proliferação nuclear continue em ritmo acelerado, a MAD prevaleça e nenhuma guerra estoure. Nesse caso, o que acontecerá com outros tipos de conflito armado? Nos últimos sessenta anos a resposta a essa pergunta ficou evidente. Primeiro foram as Super Potências e depois os outros países que pararam de lutar entre si, para valer ou de qualquer modo. Um bom exemplo disso é o que acontece no sul da Ásia: as maiores potências da região, Índia e Paquistão, se odeiam e durante vinte e quatro anos, entre 1947 e 1971, travaram nada menos que três guerras sangrentas. Porém, bastou a Índia demonstrar sua capacidade nuclear através da chamada PNE (Explosão Nuclear Pacífica), e nunca mais os dois países lutaram entre si. Após

os testes dos artefatos nucleares paquistaneses, em 1999, as relações entre os dois estão melhores do que nunca – o que significa que se pode ir de Karachi até Nova Deli de ônibus. Já faz algum tempo que Índia e Paquistão concordaram em notificar um ao outro sobre quaisquer manobras militares realizadas perto da fronteira entre os dois países; houve ainda um acordo recente de aviso antecipado sobre testes com mísseis balísticos – uma medida que tem o objetivo de evitar alarmes falsos e guerra acidental – e estabeleceram uma linha direta entre as duas capitais.⁴

Isso não significa, é claro, que não haverá mais conflitos armados convencionais em 2025, e muito menos que as armas nucleares transformam velhos inimigos em pombas rolas. O que quer dizer é que, como a proliferação nuclear está ao alcance até de países do terceiro mundo, tais conflitos provavelmente serão travados entre ou contra países cada vez menores e cada vez menos importantes. Qualquer manual internacional disponível poderá nos mostrar que há décadas o tamanho das forças convencionais está diminuindo, assim como os conflitos travados entre estas. Este autor, honestamente, prevê que esse declínio continuará.

Alguns crêem que esse encolhimento das forças convencionais é compensado, ou talvez causado, pelo advento das armas modernas, inclusive e principalmente, as munições inteligentes; em outras palavras, o crescimento do poderio militar ao invés de depender de fatores quantitativos, como ocorria no passado, tornou-se quase que exclusivamente qualitativo.⁵ Discordo. Não há dúvida que as munições e armas modernas são muito mais eficazes e que só é necessária uma quantidade muito menor destas para atingir o mesmo número de alvos⁶ que as armas anteriores. O que eu discuto é que elas sejam mais eficazes *umas em relação às outras*. Contra um navio de guerra moderno outro navio de guerra moderno não é mais eficaz que seu antecessor de 1945 era contra o inimigo *dele*. Contra um bombardeiro moderno outro bombardeiro moderno não é mais eficaz que o Spitfire britânico da Segunda Guerra Mundial era contra o Messerschmidt alemão do mesmo período. É claro que pode haver variações, mas não há razão para crer que na corrida entre o poderio aéreo e seu opositor, as defesas antiaéreas, um lado seja capaz de levar a melhor – até porque os artefatos eletrônicos dos dois lados são bastante semelhantes. Desse modo, aqueles que se limitam a comparar armas modernas com armas mais antigas cometem o mais elementar dos erros: o de fingirem que não existe inimigo.

Como os modernos sistemas de armas são tão competentes, caso sejam empregados contra sistemas do mesmo tipo o resultado será um forte atrito – tão forte quanto, por exemplo, foi a guerra entre árabes e israelenses em 1973 e em alguns pontos a guerra Irã-Iraque. E se o resultado será um forte atrito, é lógico que, se essa guerra for seriamente travada, tais sistemas deverão ser construídos em maior número, e não menor, do que seus antecessores. É claro que isso não está acontecendo e o principal motivo para isso não são as limitações

financeiras, como acredita a maioria das pessoas. Na verdade, a razão é a proliferação de armas nucleares e a prevalência de MAD, mesmo não declarada e despercebida, que evita que um número crescente de países use suas armas convencionais contra outros países, qualquer que seja a extensão do conflito. Seria muito esperar que esses fatores fizessem com que todos os países desistissem da guerra convencional, assim como as forças destinadas a travá-la, nos próximos vinte anos. Por outro lado, apesar de países continuarem a travar essas guerras, elas certamente serão menores e mais localizadas que as guerras do passado.

IV

Além de notar o declínio em termos de tamanho e números das forças que deverão travar guerras convencionais em 2025, o que mais pode ser dito a seu respeito e a respeito das armas que usarão? Talvez a primeira coisa a ser dita seja que, apesar da constante menção à “integração”, as diferenças básicas não serão eliminadas. Com isso quero dizer que, tanto em 2025 quanto hoje, os conflitos armados terão que diferenciar operações terrestres, aéreas e navais, assim como as forças designadas para lutar nesses diversos ambientes.

Começamos nossa análise com as forças terrestres, onde a principal evolução será a decapitação das forças. O processo já vem ocorrendo há algum tempo. Não faz muito, os países militarmente mais poderosos, como Rússia (União Soviética), Alemanha, Estados Unidos, França, Grã Bretanha e Japão, costumavam mobilizar e destacar milhões de tropas, que eram organizadas em exércitos e em grupos de exércitos. Seus comandantes eram generais com tantas estrelas que chegava a faltar espaço em suas dragonas. Hoje as estrelas continuam lá, mas as forças encolheram quase que na mesma velocidade que Alice no País das Maravilhas depois de comer o cogumelo; isso, aliás, faz com que qualquer conversa sobre o “achatamento” das organizações militares se torne uma tolice.⁷ Diante do esperado declínio no escopo da guerra convencional, daqui a vinte anos certamente a maior unidade existente será a divisão; ou quem sabe a brigada.

É fácil falar sobre brigadas independentes e auto-controladas; difícil é constituí-las. Década após década, os inventários aumentaram à proporção que surgiam equipamentos novos e inusitados; sistemas de armas, munições, vários tipos de dispositivos eletrônicos, transportes... Década após década, vem se tornando cada vez mais complexo operar e manter esses equipamentos. A complexidade, por sua vez, exige um sistema de comando e controle mais sofisticado que conecte tudo a todo o resto. Fica muito bonito no papel o conceito de forças pequenas, altamente móveis, carregando um enorme poder de fogo, ao mesmo tempo em que travam “guerra por rede de dados” ou “guerra por saturação”.⁸ Mas a verdade é que as brigadas são muito pequenas para conter todo o pessoal e equipamento necessários e ainda ter gente suficiente

para abrir fogo contra o inimigo. Por esse motivo, muito vai ter que ser delegado aos serviços de retaguarda, prestadores de serviços, segundos escalões, ou qualquer que seja o nome dado às formações responsáveis pela logística, manutenção e administração. Em todo o mundo as forças armadas terão sorte se conseguirem evitar que esses serviços cresçam demais. O mais provável é que eles continuem a se expandir; de modo que não faz sentido falar em aumentar o poder de ataque em detrimento das outras capacidades. Parece que alguns dos sistemas de armas mais pesados estão desaparecendo. Isso se aplica, principalmente, aos carros de combate. (Aqui, eu poderia contar a história de como o Exército Sueco, contrariando um conselho meu, gastou um bilhão de dólares na compra de tanques alemães Leopard II para depois deixá-los enferrujando na neve). O mesmo acontece com a artilharia de tubo, que foi inventada em torno de 1350, e agora tem quase sete séculos de idade. Durante esse tempo os canhões foram se tornando cada vez mais potentes, mesmo que não tenham ficado maiores e mais pesados. Muitas vezes foram usados como símbolos de poderio militar, como nas salvas e cerimônias do gênero. Mas o que marcou o seu fim, quase uma década depois que Israel decidiu não levar avante seu novo modelo de canhão, foi o fato de Rumsfeld ter cancelado o sistema de artilharia Crusader⁹. Atualmente, poucos países ainda produzem tanques e canhões, e por isso os que são perdidos pela ação do inimigo ou por desgaste não podem ser substituídos.

Quando estes faltarem, a artilharia reinará. Os grandes sistemas se tornaram muito vulneráveis à Munição Inteligente, e a virtude da infantaria está justamente na sua habilidade para dispersar e ocultar-se – principalmente no terreno urbano, onde deverá ser travada a maioria dos combates do futuro. A infantaria, tradicionalmente, luta a pé – foram nulas todas as tentativas para projetar um veículo que lhe pudesse dar proteção sem impedi-la de observar o inimigo e lutar – e deverá continuar a fazê-lo no futuro. Por outro lado, a infantaria sempre precisará de transporte e de apoio de fogo, e para isso vários veículos, inclusive os Veículos Blindados para Transporte de Pessoal, permanecerão em uso.

Quer tenham rodas ou esteiras, esses veículos carregarão todos os tipos de Munição Inteligente, inclusive as novas gerações de mísseis, morteiros etc. Uma parte da infantaria deverá ser transportada por helicópteros, que exigem muita manutenção e farão com que os serviços de retaguarda cresçam mais ainda. A infantaria terá à sua disposição uma variedade de pequenos veículos aéreos não-tripulados (UAVs), muito úteis para vigilância, reconhecimento, aquisição de alvo e outras funções. Todos estarão interligados por uma rede sofisticada de computadores portáteis e rádios, que permitirá que o último soldado em sua trincheira (ou, quem sabe, saco de dormir) localize e se comunique com todos os demais.¹⁰ Em circunstâncias iguais, as melhores tropas serão aquelas que cresceram usando esses aparelhos e conseguem operá-los como se fizessem parte de seu próprio corpo.

No ar, quanto maior e mais dispendiosa for a aeronave de combate, menos futuro terá. Bombardeiros pesados convencionais, como o B-52 e o B-1, são relíquias da Guerra Fria que não deixarão herdeiros. Haverá tentativas para prolongar seu tempo de vida, até que, como os dinossauros, eles morram uma a uma de desgaste. Aeronaves mais modernas e não-convencionais, como o F-117 e o B-2, são úteis apenas contra países que não possuem armas nucleares. Não possuindo armas nucleares, os países em questão provavelmente também não possuem sistemas muito sofisticados de defesa antiaérea; isso quer dizer que as aeronaves são meros elefantes brancos. O Eurofighter, o Joint Strike Fighter, o F-22, o F-35 e o F-40, caso venham a ser construídos, só o serão em quantidade muito pequena, e muito mais para manterem a razão de ser das forças aéreas do que para serem utilizados em uma guerra de verdade.

Todas essas aeronaves serão substituídas por vários tipos de mísseis balísticos, mísseis de cruzeiro e UAVs. Especialmente os UAVs, que são igualmente úteis para certos tipos de trabalho policial, representam uma indústria crescente. Juntamente com a Munição Inteligente, que eles passarão a carregar cada vez mais, dificultarão e tornarão impossível a vida de quaisquer sistemas de armas baseados em terra, grandes e pesados. Os mísseis de cruzeiro, relativamente baratos e simples de construir, serão produzidos por vários países e usados contra alvos estacionários. Alguns carregarão, ainda, ogivas nucleares.

Mísseis de cruzeiros são lentos, se comparados aos mísseis balísticos. Por outro lado, são fáceis de transportar de uma posição de fogo para outra e sua trajetória de vôo é muito baixa. Essas duas qualidades juntas os tornam tão difíceis de interceptar quanto seus primos mais velozes, podendo contribuir tanto para a MAD quanto os mísseis balísticos. Outros países lançarão satélites para girar torno da Terra; entretanto, devido à despesa que isso representa, poucos desses países terão possibilidade de adquirir todo o potencial de comunicações, navegação, vigilância, reconhecimento, aquisição de alvo e avaliação de danos baseado no espaço que só os Estados Unidos possuem atualmente.

À proporção que desaparece a maioria das aeronaves tripuladas, os helicópteros e o transporte aéreo continuam a ter importância. Mas, em muitos países, é provável que essas unidades passem a ser organizadas de forma diferente: ao invés de ficarem concentradas nas mãos das forças aéreas, como acontece hoje em dia, os helicópteros e os transportes de curto alcance poderão ser transferidos para as forças terrestres e marinhas de modo a simplificar o comando e o controle e encurtar o ciclo OODA (*Observação, Orientação, Decisão, Ação*). Alguns entendidos sugerem que, muito pelo contrário, as forças aéreas deverão criar unidades completas especializadas em anti-terrorismo e anti-guerrilha, com suas próprias unidades orgânicas de combate terrestre. Entretanto, até o presente momento, militares de país algum parecem aceitar essa idéia. Levando-se tudo em conta, das três forças, a que parece ter o futuro mais incerto é a força aérea. Ao fim e ao cabo, pode ser que ela fique com os

mísseis de ogiva nuclear, além dos meios espaciais. Os primeiros serão úteis para dissuasão nuclear e os últimos para auxiliar as outras duas forças. Mas isso será tudo.

No mar, só existe atualmente um país com uma marinha oceânica com capacidades globais (inclusive com o componente aéreo, que é crucial e sem o qual as marinhas ficam mais ou menos cegas e têm apenas um campo limitado de ataque). Quer admitam ou não, todas as outras tiveram seu papel reduzido ao de guardas costeiras. Se os Estados Unidos, daqui a vinte anos, ainda estarão dispostos e capazes de manter essa marinha extremamente dispendiosa não nos cabe discutir aqui. Só nos resta dizer que, caso a resposta seja negativa, não é provável que algum outro país possa substituí-los nesse âmbito. Isso, expressamente, inclui a China. Após engolir Hong Kong como uma jibóia engole sua presa, o próximo alvo da China é Taiwan. Conseqüentemente, a marinha de Beijing deve crescer. Talvez ela venha a adquirir submarinos, ou mesmo um pequeno navio aeródromo (quanto aos grandes navios aeródromos, sua execução requer um tempo tão longo que não é provável que a China tenha um em operação até 2025, mesmo que começasse a construí-lo amanhã).¹¹ Por outro lado, ao contrário dos Estados Unidos, a China nem é uma ilha global nem tem uma tradição naval altamente desenvolvida. E ainda ao contrário dos Estados Unidos, a China não tem um desejo especial de exportar seus ideais.

Por demandar muito capital, muito mais que o combate terrestre, é bem provável que o combate naval se torne menor e mais localizado. Como acontece desde 1945, o medo da escalada evita que países poderosos com capacidade para construir marinhas poderosas entrem em batalhas no Atlântico, e muito menos no Pacífico. Caso aconteça algum combate naval, este será travado perto da costa ou em torno de pontos de estrangulamento. Os principais candidatos a esse papel são o Estreito de Hormuz, os Estreitos de Málaga e de Taiwan. E não podemos esquecer outro forte candidato que é o estreito da Coreia – Tsushima.

V

Enquanto que a guerra convencional está em franco declínio, cada vez mais localizada e menor, a guerra sub-convencional, de baixa intensidade, não trinitária, de quarta geração, ou qualquer que seja o nome que se der, está em franca ascensão.¹² Durante a década de 90, aqueles que acreditavam nessa tendência eram muitas vezes despachados. Porém, após Londres, Madri e, é claro, Nova York e Washington terem sido atingidos por esse novo tipo de guerra, isso está acontecendo com muito menos freqüência. Como esperado, as armas nucleares e MAD não foram capazes de eliminar as causas fundamentais da guerra. Na verdade, o que fizeram foi criar uma situação em que, no que se refere a lutar, as entidades soberanas com territórios e fronteiras (estados) estão cada vez mais se aliando a entidades que não possuem nem territórios

nem fronteiras e nem tampouco são soberanas. Há centenas de entidades desse tipo; dia após dia surgem outras entidades que se fundem a outras, se separam, ou morrem, muitas vezes sem que haja qualquer espécie de anúncio formal. Quer se queira ou não, o terrorismo, a guerrilha, a insurreição e as tentativas de fazer frente a estes vieram para ficar e representam o futuro. E tudo indica que isso não acontece só em países em desenvolvimento, onde esse tipo de confronto é endêmico, mas em muitos países desenvolvidos também.

Se tivermos que tirar alguma lição dos últimos seis anos de história esta será a de que as forças armadas modernas não estão adequadas para travar esse tipo de guerra. Por mais cruéis que fossem os alemães, em 1941 – 1945, eles tiveram grande dificuldade para controlar os territórios ocupados. Mais tarde, os ingleses perderam a luta na Palestina, na Malásia, no Quênia, em Chipre e em Áden, e logo depois resolveram abrir mão do resto de seu império mais ou menos sem luta. Os franceses perderam na Indochina e na Argélia, os Americanos no Vietnã e na Somália. Os portugueses foram derrotados em Angola e Moçambique, os sul-africanos na Namíbia, os soviéticos no Afeganistão, os indianos no Sri Lanka, os indonésios no Timor Leste... a lista é praticamente infindável. Enquanto escrevo este texto, os russos mal conseguem sustentar a situação na Chechênia, e não é possível vislumbrar um final para aquele conflito. Após décadas de luta, os israelenses se retiraram da Faixa de Gaza. E, nesse meio tempo, os americanos no Iraque estão fazendo o melhor que podem para lutar nesse tipo de guerra, do qual não há saída, a não ser, talvez, a derrota total.

Como os eventos no Iraque bem ilustram, quando confrontadas com essa espécie de luta, até mesmo as forças armadas mais ricas, mais poderosas, mais modernas e melhor equipadas de que se tem notícia quase que invariavelmente têm dificuldades. E tampouco a vontade de infligir morte e destruição – acredita-se que os indonésios tenham matado cerca de meio milhão de pessoas no Timor Leste – faz muita diferença nesse caso. Não vamos aqui analisar o motivo pelo qual tantas revoltas tiveram êxito ao passo que as tentativas para contê-las ou derrotá-las falharam. Basta dizer que, a partir das primeiras décadas do século XXI, nenhum país por mais que seja homogêneo, rico e devotado a sua própria satisfação parece estar seguro contra as novas formas de guerra. Basta dizer ainda que algo está realmente muito errado. Se houver alguma tarefa que as forças armadas do futuro terão que enfrentar será a de analisar os motivos do fracasso e se assegurar de que podem superá-los caso necessário. Se falharem aí, então, em muitos casos, sua existência e a da sociedade a que servem estarão ameaçadas.

À proporção que as forças armadas se adaptarem ao novo mundo, muitas das tendências mencionadas na seção IV do presente artigo serão reforçadas. Carros de combate, artilharia e outras armas pesadas podem ser úteis na hora

de conquistar um país, mas seu papel no policiamento é necessariamente limitado. Os países podem ser arrasados do ar, como aconteceu com a Sérvia em 1999, mas é impossível governá-los de lá. Quanto mais pesada e capaz a aeronave, menor sua utilidade nesse tipo de luta que estamos analisando. Pelo mesmo motivo e mais ainda, os recursos espaciais, por estarem muito distantes, provavelmente jamais terão mais do que um papel marginal na contra-revolução.

¹³ No passado, muitos insurgentes já utilizaram o mar, principalmente, para re-abastecimento. Entretanto, para lutar contra eles o melhor é utilizar embarcações relativamente pequenas e ágeis, ao invés dos monstros que costumavam dominar os mares nos tempos da Guerra Fria; isso ficou provado com o fato de que, assim que alguns foguetes Katyusha pousaram em Aqaba, os navios de guerra americanos que se encontravam ancorados ali levantaram âncora e foram para o mar. ¹⁴

As agências de inteligência, principalmente as que dependem de serviços de escuta e contam com HUMINT, estão em ascensão. ¹⁵ O mesmo ocorre com as forças especiais e, do outro lado da escala, forças policiais capazes de vigiar tudo o tempo todo. Cercas eletrônicas, câmeras de vigilância, dispositivos para identificação segura de pessoas, equipamentos para visão noturna, aparelhos que podem ver dentro de bolsas, malas e recipientes, UAVs pequenos e portáteis, e outros equipamentos do gênero também estão sendo requisitados. Tudo o mais é mais ou menos dispensável e está em extinção.

VI

Levando-se em conta os princípios gerais da organização militar, talvez possamos dizer o seguinte: primeiramente, até 2025, é provável que, até nos poucos países desenvolvidos em que ainda existe como Noruega e Itália, o serviço militar obrigatório seja extinto. Uma das razões para isso é o alto custo dos modernos sistemas de armas, o que limita seu número e impede que estes sejam distribuídos para o vasto contingente que o serviço militar disponibiliza; outra razão é que esses sistemas de armas exigem muito treinamento e manutenção especializada, o que torna a proposta de treinamento rápido do serviço militar bastante duvidosa.

Isso é o que acontece com as forças armadas dos países desenvolvidos. Porém, a proposta básica do presente artigo é de que muitos, ou mesmo a maioria, dos conflitos armados não serão travados por exércitos desenvolvidos, mas sim pelas forças desordenadas de países em desenvolvimento que entrarão em guerras de baixa intensidade, contra-revoluções, guerras civis, ou conflitos do gênero. A falta de uma infra-estrutura econômica e tecnológica adequada significa que essas forças tampouco disporão de muitas armas avançadas, tendo que contar com sobras de armamentos. Nessas condições, o serviço militar

obrigatório, mesmo quando conduzido aleatoriamente, continuará tendo uma função. O mesmo será verdade com forças semi-regulares, leais a senhores da guerra e outros líderes do tipo, e não a um estado.

Nos próximos vinte anos, deveremos ver crescer a importância dos mercenários.¹⁶ Estes têm uma longa história, muitas vezes desonrosa, que vem desde a Grécia antiga, ou até antes. Quase sempre atuavam como auxiliares e especialistas, mas houve épocas e lugares em que compunham a maior parte das forças, como foi o caso específico dos séculos XV, XVI e XVII. Somente no século XIX é que os países europeus realmente tentaram prescindir da ajuda deles e marginalizá-los, uma medida que foi motivada em parte pelo desejo de reforçar o controle do estado e em parte pela idéia de que mercenários eram seres não civilizados.

Os mercenários ressurgiram após a Guerra Fria. Um dos motivos é que as forças que lutam entre si em países menos desenvolvidos carecem das habilidades que os mercenários podem oferecer e estão dispostas a pagar por isso. Outro motivo é que muitos países desenvolvidos, por várias razões, enviam forças para lutar em (fazendo um uso impróprio da famosa descrição da Tchecoslováquia feita por Neville Chamberlain) “países distantes sobre os quais não se sabe nada”. Como a experiência já demonstrou que a opinião pública não apóia esse tipo de guerra durante muito tempo, a melhor solução é utilizar mercenários. Mercenários são indivíduos que se alistam para lutar em uma determinada guerra, em determinado tempo e lugar, em troca de dinheiro, após o que, caso sejam mortos, só podem culpar a si mesmos.

Nas três últimas décadas, poucas questões têm ocupado tanto a atenção das pessoas que têm poder de decisão e do público em geral, quanto a presença das mulheres nas forças armadas.¹⁷ Sem entrar em muitos detalhes, gostaria de expressar minha opinião sobre o assunto. Quase quatro décadas depois que as forças armadas começaram a admitir mais mulheres, no final dos anos 60, em todas as forças regulares, sem exceção, o papel das mulheres permanece marginalizado – o que se torna evidente pelo fato de que no Iraque, entre as vítimas americanas, apenas dois por cento sejam de mulheres.¹⁸ Também não há a questão de que as mulheres assumirão as forças armadas do futuro com o aumento de sua presença, ou com sua entrada em combate em grandes números, ou ocupando posições superiores. Gostaria, porém, de dar um aviso. Como ocorre desde que Judite matou Holofernes após deitar-se com ele, as mulheres *continuarão* a ter um papel importante no terrorismo, na guerrilha e nas revoltas de todo tipo. Isso inclui, sem dúvida, o tipo de ação que requer que elas se explodam.

VII

É óbvio que os acontecimentos acima, assim como muitos outros que não puderam ser discutidos aqui, somente serão realidade se as pessoas tornarem

isso possível. Por outro lado, as próprias ações das pessoas são motivadas por fatores sociais, econômicos e tecnológicos sobre os quais têm pouco ou nenhum controle. Já que tentei me concentrar nesses fatores e não nos indivíduos, acredito que muito do que foi descrito realmente acontecerá. Através de ação e interação, eles não terão o mesmo impacto em todas as partes do mundo, nem com na mesma velocidade. Isso vai depender da geografia, da estratégia nacional etc.

O que irá determinar se um país entrará em guerra contra seus vizinhos (ou contra o policial universal, os Estados Unidos) será sua localização, os vizinhos que possui ou não, os recursos de que dispõe e as políticas que ele e outros países adotarem. E inúmeros serão os fatores econômicos, sociais e culturais que irão determinar se esse país será agitado por guerra não-trinitária ou de quarta geração, ou por revoltas, guerrilha ou terrorismo. Os fatores que ameaçam a Finlândia não se aplicam à Argélia, e nem tampouco as coisas que o Japão precisa fazer para se defender se aplicam a Israel.

Tentei dar uma visão global e traçar um mapa amplo do futuro. Exatamente onde a Austrália se encontraria nesse mapa, ou o que precisaria fazer para achar seu caminho nesse mesmo mapa, são questões que deverão ser consideradas pelos próprios australianos

- ¹ Ver <http://state.msn.com/id2081042>.
- ² Sobre os caminhos que a proliferação pode tomar, ver Ch. Braun e C. F. Chyba, 'Proliferation Rings: New Challenges to the Nuclear Nonproliferation Regime', *International Security*, 29, 2, outono de 2004, pg. 5-49.
- ³ D. Rose, "Patriot Downed Jet", *New York Daily News*, 15.4.2003.
- ⁴ AP, "Índia, Pakistan Agree on Nuclear Safety", 7.8.2005, disponível em <http://news.ninemsn.com.au/article.aspx?id=57188>.
- ⁵ Ver mais recentemente A. Kober, "Does the Iraq War Reflect a Phase Change in Warfare?" *Defense and Security Analysis*, 21. 2, Junho 2005, pg. 121-42.
- ⁶ Para alguns cálculos relativos a esse assunto, ver D. T. Kuehl, "Airpower vs. Electricity: Electric Power as a Target for Strategic Air Operations", *Journal of Strategic Studies*, 18, 1, Março 1995, pg. 250-60; e também I. Ben Israel, "The Revolution in Military Affairs and the Operation in Iraq", em S. Feldman, ed., *After the War in Iraq: Defining the New Strategic Balance*, Brighton, Sussex Academic Press, 2003, p. 69 tabela 6.5.
- ⁷ F. Fukuyama e A. N. Shulsky, "Military Organization in the Information Age; Lessons from the World of Business", em J. Arquilla and D. Ronfeldt, eds., *Swarming and the Future of Conflict*, St. Monica, CA, RAND, 2000, pg. 237-60.
- ⁸ Arquilla and Ronfeldt, eds., *Swarming and the Future of Conflict*, trechos.
- ⁹ "Rumsfeld Kills Crusader Artillery Program", *USA Today*, 8.5.2002.
- ¹⁰ Para um breve relato do que está sendo feito, ver P. A. Buxbaum, "Making C 2 Work as One", *Armed Forces Journal*, Agosto 2005, pg. 36-8; e também T. Weiner, "Pentagon Envisioning a Costly Internet for War", *New York Times*, 13 Novembro 2004.
- ¹¹ Sobre a frota de submarinos da China, ver, L. Goldstein e W. Murray, "Undersea Dragons: China's Submarine Force", *International Security*, 28, 4, primavera de 2004, pg. 161-96; e, sobre a possibilidade de a China construir ou adquirir navios aeródromos, I. Storey e You Li, "China's Aircraft Carrier Ambitions; Seeking Truth from Rumors", *Naval War College Review*, 5, 7, 1, inverno de 2004, pg. 73-93.
- ¹² Os principais trabalhos a respeito desses tipos de guerra são: M. van Creveld, *The Transformation of War*, New York, N.Y, Free Press, 1991; M. Kaldor, *New and Old Wars: Organized Violence in a Global Environment*, Stanford, CA, Stanford University Press, 1999; e Th. X. Hammes, *The Sling and the Stone: On War in the 21st Century*, St. Paul, MN, Zenith, 2004.
- ¹³ Sobre algumas armas espaciais que estão sob análise no momento, ver B. M. DeBlois e outros, "Space Weapons", *International Security*, 29, 2, outono de 2004, pg. 50-84.
- ¹⁴ CBC, "Rockets Fired at U.S Navy's Ships in Aqaba", 12.8.2005, disponível em http://www.cbc.ca/story/world_national/2005/08/19/missiles_from_jordan050819.html.
- ¹⁵ Sobre a importância de HUMINT (e o fracasso Americano em consegui-la no Iraque) ver mais recentemente R. Peters, "The Case for Human Intelligence", *Armed Forces Journal*, Julho 2005, pg. 24-6.
- ¹⁶ A respeito disso, ver M. L. C Lanning, *Mercenaries: Soldiers of Fortune, from Ancient Greece to Today's Private Military Companies*, Navato, CA, Presidio, 2005.
- ¹⁷ Para um debate abrangente, ver M. Van Creveld, *Men, Women and War* (London, Cassell, 2001).
- ¹⁸ Ver os números em <http://search.yahoo.com/search?p=american+casualties+iraq&sm=Yahoo%21+Search&fr=FP-tab-web-t&toggle=1&cop=&ei=UTF-8> (23.8.2005).